

Ações anti-sociais de menores

TASSO RAMOS DE CARVALHO (*)

DOLORES R. CARVALHO ()**

Em 1958, a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de Minas Gerais programou e levou à realização uma série de conferências sob o título *Problemática da juventude transviada*. Nelas, tomaram parte o Procurador Geral do Estado de Minas Gerais, DR. JOSÉ MANUEL MARQUES LOPES, o Juiz de Menores de Belo Horizonte, DR. MOACIR PIMENTA BRANT, o PROFESSOR AGNELO CORREIA VIANA e o DR. JENER JOSÉ DE ARAÚJO.

Essa sociedade vem mantendo a atenção voltada para o assunto. Em outras ocasiões, foi o problema amplamente focalizado, também, quando, por exemplo, foram discutidos *A psicologia aplicada à delinqüência de menores* e *Problemas psicológicos da delinqüência juvenil*, assuntos êsses debatidos pelos psicólogos, PROFESSÔRES PIERRE WEIL e RUI FLÔRES LOPES

Ainda em Belo Horizonte, no IV Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia, realizado em julho de 1960, êste assunto foi tratado por ilustres mestres, em teses oficiais.

* Membro da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Criminologia. Sócio fundador e atual presidente da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de Minas Gerais. Membro titular da Academia Latino-Americana de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

** Sócio fundador da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de Minas Gerais. Assistente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da U.M.G.

Referimo-nos a *Menoridade penal no Brasil*, apresentada pelo PROFESSOR HILÁRIO VEIGA DE CARVALHO, e *Alguns aspectos da causalidade das reações anti-sociais da juventude transviada*, da autoria do PROFESSOR NAPOLEÃO TEIXEIRA.

Com o apoio da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de Minas Gerais, e contando com a colaboração da Reitoria da Universidade de Minas Gerais, foi organizada uma equipe, por um de nós orientada, para o estudo da *Causalidade das reações anti-sociais num grupo de menores*. Além dos autores dêste trabalho, fazem parte da equipe as seguintes pessoas:

a) PROFESSOR DJALMA TEIXEIRA DE OLIVEIRA e DR. GERALDO DE PAULA BARROS;

b) Assistentes sociais: IONE DE SOUZA GROSSI, CELESTE BITTENCOURT ALMEIDA e MARIA LÚCIA DESSAUDE DO VALE;

c) Quintanistas de medicina: IVAN MARTINS PINHEIRO, ILDEU AFONSO DE ALMEIDA, HERALDO LUCAS, CARLOS ALBERTO GROSSI, GILBERTO CORREIA DIAS e ROQUE RODRIGUES CUNHA;

d) Quartanistas de direito: LUIZ ROBERTO C. COSTA E SILVA, EDÉSIO FERNANDES, JOAQUIM DUQUE FILHO, ARLINDO LOSS, RAIMUNDO FERNANDES DE MORAIS e PETRÔNIO JOSÉ GARCIA LEÃO.

Colaboram ainda, direta ou indiretamente nos trabalhos da Equipe as seguintes pessoas: PROFESSORES PIERRE WEIL, POMPEU MEMÓRIA, WELBER DA SILVA BRAGA e HIROSHI WATANABE.

Como vemos, em nosso meio, o assunto tem sido e está sendo estudado com grande interêsse, por parte das autoridades judiciárias, dos educadores, cientistas, advogados, médicos, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, estudantes de medicina e de direito e, por parte dos pais que, comparecendo às Sessões da Sociedade de Medicina Legal e Crimi-

nologia de Minas Gerais e do IV Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia, tomaram parte ativa nos debates.

Nessas ocasiões, foram focalizados vários aspectos do assunto, principalmente as causas, a profilaxia, o tratamento e o aspecto jurídico de menores que praticam ações anti-sociais.

O interêsse que tal problema vem despertando em Belo Horizonte, conforme vimos, e que também é notado entre estudiosos de outros centros brasileiros e estrangeiros, está sobejamente justificado, dada a relevante importância e a maior significação de que o mesmo se reveste.

* * *

Lembra ANDERSON, que, a vida é um processo de integração de que a conduta é apenas uma expressão momentânea.

A criança é um ser em vias de desenvolvimento, sempre mutável, nunca igual a si mesmo. Ela nunca poderia ser estudada isoladamente, como um fenômeno químico. Deve ser observada como um processo que se desenrola num ambiente que ela ao mesmo tempo modifica e pelo qual é modificada também. A criança é uma fração do meio em que vive. Não pode ser compreendida senão em relação ativa com êle.

A influência do ambiente é contínua sôbre a atividade física e mental da criança.

Personalidade e meio formam um binômio inseparável, como diz A. G. DIAS. Por isso, seria ilusório e perigoso querer considerar o menor *como um tudo em si mesmo*, sem tentar refazer o meio em que vive (LEBOVIC).

Sôbre o patrimônio hereditário, atuam as influências mesológicas, pois, a hereditariedade não decide tudo quanto há de ser o homem.

O indivíduo recebe dos ancestrais um conjunto de atributos físicos e psíquicos, através da herança, mas compete ao ambiente, com suas solicitações, favorecer a expansão de alguns atributos e impedir o desenvolvimento de outros, concernente afirma J. CARVALHAL RIBAS. Assim, o homem

é um produto da herança e, ao mesmo tempo, está subordinado às condições do ambiente (RECA).

Conforme lembra LORAS, quanto mais jovem é o indivíduo, maior influência êle sofre pelo que se passa ao redor de si, inclusive pelos fatores culturais.

A personalidade tem sua origem no patrimônio hereditário, e se desenvolve por modificações desse patrimônio, provocadas pelos seres que o rodeiam. Pelo estímulo do ambiente, o menor sofre as influências que poderão se evidenciar no sentido da satisfação ou do desgosto, inibindo, alterando ou fixando elementos na organização de seus próprios caracteres.

Sem deixar de reconhecer as influências do meio físico e social, o último num sentido mais amplo, vamos tecer algumas considerações sobre a influência da família na personalidade do menor.

Essa influência faz-se notada desde a concepção ou, talvez, antes. Todavia, a partir da união das células germinativas, da formação do óvo e sua transformação em embrião e feto, é que o meio começa a tornar mais evidente sua ação. São múltiplas as influências que se podem manifestar durante a gestação e atuar sobre o desenvolvimento físico e mental do ser. Algumas são pouco conhecidas, e é difícil intervir para modificá-las (vascularização defeituosa, transtornos da nutrição etc.). Outras são mais conhecidas (as infecções, as intoxicações, os traumatismos, as emoções violentas etc.).

Por isso, dizemos que a influência da mãe e do ambiente físico e social, por intermédio dela, faz-se sentir na personalidade do menor, mesmo antes de seu nascimento, conforme escreve M. DEAD.

Depois do nascimento, a criança desenvolve-se e plasma-se sob as influências do meio doméstico. Posteriormente, sofre mais diretamente as influências do meio físico e social (H. DELGADO).

Tal é a importância do meio familiar na personalidade do menor, que já houve quem afirmasse só terem direito à reprodução os indivíduos sadios e felizes. Foram verificadas diferenças acentuadas entre indivíduos tratados durante a primeira infância com proteção, carinho e cuidados assíduos

e corretos dos pais, e indivíduos cujos pais desprezam ou subestimam tais atenções, desvêlos ou sacrifícios.

Para o equilíbrio da conduta dos filhos, é imprescindível a atitude correta dos pais, ou, pelo menos, a correção das atitudes desastradas, em relação aos seus filhos (ZULLIGER).

Vários autores, entre os quais, lembramos STEKEL e CARVALHAL RIBAS, preconizam que, antes de cogitar da educação dos filhos, é preciso providenciar a verificação da educação dos pais. Para isso, foram propostas as chamadas *escolas de pais*.

Os assuntos tratados nas ditas *escolas de pais* visam a analisar as condições satisfatórias de educação e os métodos educacionais.

Ao estudar as atitudes dos pais em face da criança com distúrbios da personalidade e da conduta, V. L. BICUDO comenta que, na verdade, várias atitudes adotadas pelos pais apresentam aspectos negativos, quer por excesso de carinhos e cuidados, quer pela falta ou ausência dos mesmos.

O problema da família está evoluindo na época atual de maneira tão estranha e anormal, que as relações existentes entre pais e filhos, em vez de constituírem fonte de felicidade, transformam-se, na grande maioria dos casos, em motivos de sofrimento e desgraça, devido à incompreensão crescente que entre êles se estabelece. Assim é na classe pobre; assim, na classe abastada.

O PROFESSOR CARMELO PERO, diretor da Clínica de Doenças Nervosas da Universidade de Catânia, na Sicília, tornou pública uma nova teoria, verdadeiramente revolucionária, segundo diz, de acôrdo com os atuais conhecimentos psico-pedagógicos. Consentâneo afirma o referido psiquiatra, para se formarem autênticos homens, nenhum pai, nenhum educador deve poupar humilhações às crianças. Para que um indivíduo, no futuro, venha a mostrar-se devidamente educado, capaz de controlar-se e de ter sentimentos sãos, seria preciso sofrer em criança, não lhe tendo sido evitado traumatismos psíquicos. Aliás, alguns deveriam ser provocados propositadamente.

Aconselha ainda “mortificar a criança, de vez em vez, e humilhá-la com moderação, sempre que se apresente ocasião para isso”. Dêsse modo, entende o PROFESSOR CARMELO, podemos combater a formação de um *teddy-boy* e de um futuro delinqüente. Vai mesmo a ponto de recomendar que “os pais se comportem para com os filhos como se os estimassem pouco”.

Como vemos, trata-se de uma *teoria pedagógico-educacional revolucionária*, embora não apresente um progresso, evidentemente.

O amor devotado à infância constitui a base da psicologia do adulto (SANGIORGI). Como lembra ODIER, toda criança necessita de proteção e afeto, mas de uma proteção efetiva. E para que uma proteção seja efetiva, antes de tudo deve ser afetiva.

Uma atitude afetiva e oportuna, favorecendo orientações seguras, ditadas pela razão, pela medida do bom senso e pelo equilíbrio, principalmente durante o desenvolvimento da personalidade do menor, constituem medidas profiláticas do desajustamento.

É coisa sabida hoje, pela psicologia, que a felicidade dos filhos depende da harmonia existente entre os pais, e que, existindo essa harmonia, os pais não procurarão substituições em desacôrdo com as leis biológicas, no que dão ou desejam receber dos filhos.

Assim, a atitude dominadora das mães, em desacôrdo com a finalidade de seu verdadeiro papel, não raro, revela uma tentativa de compreensão, exigida por complexo de superioridade. Como consequência de tal atitudes das mães, os filhos tornam-se tímidos e receosos, revelando medo, sobretudo diante da mulher e do amor.

Quando, pelo contrário, a mãe se torna afetiva demais, é porque procura compensação para outro amor que lhe falta (A. S. MELO).

De acôrdo com o que lembra J. F. SALES, se os pais vivem felizes e harmoniosamente, não exigindo, nem dando aos filhos excesso de carinhos, tal condição facilita extraordinariamente as relações familiares.

É sabido serem o amor e o afeto fatores indispensáveis para o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada, mas, os excessos de carinho surgem por mecanismos de compensação, indo certamente prejudicar a educação dos filhos. Provêm êsses excessos de um recalçamento sexual, que, no caso da mãe, demonstra ter ela necessidade de dar ou receber mais amor. E isso, não poucas vezes, é conseqüência do que vem de trás, quando o marido ou a mulher, já filhos mimados, sofrem decepções pelo casamento, julgando o companheiro pouco amoroso, sem afeto suficiente, justamente porque o hábito é de maiores carinhos e afagos excessivos.

Não menos perniciosos à educação dos filhos são os métodos orientados por um liberalismo extremo, que instruem os pais a não cortarem as iniciativas dos filhos e a suprimirem os castigos definitivamente.

Isso desperta um *querer* sem limites e falta de *senso de responsabilidade* dos menores, condições essas incompatíveis com a vida em sociedade (RADZNOWICZ).

No caso, a liberdade transforma-se em licenciosidade.

Ainda que de passagem, não poderíamos deixar de fazer referência a outros aspectos da influência familiar na personalidade do menor, tais como o da influência dos avós, das títias e dos primos.

Como acentua DOLTO-MARETTE, os avós tratam geralmente seus netos com mais ternura do que os pais. Essa proverbial benevolência dos avós origina tôda sorte de conflitos no seio da família.

CARVALHAL RIBAS lembra que os avós interpõem-se entre seus filhos e seus netos, freqüentemente, defendendo êstes contra aquêles. Eis o aspecto clássico: os pais interdizem a realização do desejo de um dos filhos. Êste, favorito da avó, corre ao seu encontro. Então a avó satisfaz o capricho da criança. Os pais irritam-se, mas, para não desgostar a velha mãe, limitam-se a resmungar que *ela está estragando o menino com tantos mimos*. Outros netos, irmãos do menino protegido, sentem-se prejudicados e repelem o irmão favorito. Às vezes, como reação inconsciente, os pais buscam a proteger os outros filhos e, nessas circunstâncias, delineam-se verda-

deiros partidos no círculo familiar, degladiando-se de forma surda e dissimulada. De um lado, os netos vêem, nos avós, imagens substituídas dos pais, ou melhor, figuras revestidas das qualidades dos pais. De outro, os avós buscam identificar-se com os netos, na tentativa de reviver uma existência prestes a extinguir-se. Para essa identificação, contribui a psicologia do velho ser bastante próxima da psicologia da criança.

Daí maior aproximação e, às vezes, maior compreensão entre avós e netos do que entre pais e filhos (LEWINE).

Os tios e as tias já exercem uma influência mais discreta e pacífica sobre as crianças. A tia solteirona, a que tem maior influência, deriva nos sobrinhos seus amores recalçados e insatisfeitos. Pode ocorrer que o menino desvie o curso do complexo de ÊDIPO no sentido da tia solteirona, que se tornará seu tipo ideal de mulher. A literatura registra o caso de um homem que, em virtude da libido fixada à imagem da tia, só se apaixonava por solteironas de 40 anos de idade.

Os primos e as primas representam uma espécie de irmãos e irmãs, em segundo grau, para as crianças, encerrando problemas afetivos geralmente menos intensos e de solução mais fácil.

Há outras influências no meio, cuja importância exige referência. Por exemplo, é o caso das amas.

As amas e outras empregadas domésticas também exercem influência na personalidade do menor, em virtude de laços afetivos estabelecidos. As amas e as empregadas derivam seus anseios maternos para as crianças e chegam a chamá-las *meus filhos*.

Quando as mães se ausentam do lar, em virtude de trabalho, de vida mundana ou de outro motivo qualquer, as crianças afeioam-se demasiado às empregadas domésticas e, por vezes, estabelecem os complexos afetivos com estas últimas e não com as mães (CARVALHAL RIBAS). Por isso, muitos homens, em consequência do complexo de ÊDIPO estabelecido com empregadas domésticas, só escolhem mulheres de baixa categoria, como tipos ideais e apenas se deixam seduzir por tais pessoas, tendendo a socializar-se em nível inferior ao da

família a que pertencem, concernente lembra Y. SAMUEL. Aliás, esta é uma característica quase constante nas personalidades psicopáticas e nos menores que praticam ações anti-sociais.

Tal é a importância dada ao sistema educativo na formação e no desenvolvimento da personalidade, que WATSON admite estar sua evolução seguramente prefixada desde os três anos de idade, quando os pais, então, estabeleceram se a criança virá a ser um indivíduo feliz, bondoso e bem humorado, ou, pelo contrário, inditoso, malévolos e irritadiço.

Ao encarar o menor como um ser que vive ligado à conduta alheia, que depende do adulto sob todos os pontos de vista, nosso esforço deverá ser orientado no sentido de fixar bem a personalidade infantil, tendo a atenção voltada para que tenha bom desenvolvimento, sob vigilância discreta, mas eficiente, como afirma C. MOTA F^o. Convenientemente atendida e cuidada, a criança tende a confiar mais no ambiente e a sintonizar-se mais com o meio externo, tornando-se mais viva e comunicativa (R. S. BITTENCOURT).

De acôrdo com nossa cultura, a criança fica a maior parte do tempo no lar, até aos 7 anos. É quando recebe as influências educativas que mais fortemente vão orientar-lhe a conduta posterior. Todavia, é preciso contar com a possibilidade de faltarem as influências benéficas do lar, pela incapacidade dos pais, como lembra o PROFESSOR FLAMÍNIO FÁVERO. Daí, continua o mestre, resultarem perturbações maléficas que nesse período podem instalar-se, do ponto de vista somático e psíquico.

FLAMÍNIO FÁVERO conclui dizendo que a criança tem seus direitos, que precisam ser cuidadosamente codificados, não apenas na letra da lei, mas no coração da gente grande.

* * *

Hodiernamente, um dos aspectos mais focalizados nas ações ou reações anti-sociais de menores é, sem dúvida, o da maturidade mental. Embora esta feição tenha sido pouco analisada em nosso meio, em outros centros civilizados, a

relação *imaturidade-reação anti-social* é quase uma constante nos estudos dêste importante assunto.

Estamos mais interessados em compreender a maturidade mental, em fixar seu conceito, do que pròpriamente em defini-la. O problema complexo seria prejudicado em sua essência, por uma definição que procurasse fixá-lo em poucas palavras, já que, em verdade, é um conceito essencialmente dinâmico, como o da personalidade.

Ao falarmos de maturidade, o que importa, acima de tudo, é o conhecimento dos fatores a serem tomados em consideração, pois, dêles depende a limitação do conceito e a base de qualquer tentativa definidora.

Lembra OVERSTREET, autor que nos orienta nestas considerações, que, no decorrer do tempo, duas teorias sôbre a má conduta humana tiveram predominância. E em nossa era psicológica, a influência de ambas continua a ser incontestável, em grande parte. Elas determinam as coisas que fazemos, para estimular a conduta desejável e desestimular a indesejável.

A primeira é a teoria *bondade-maldade*. As pessoas fazem o bem — assim sustenta a teoria — porque nelas há o bem. Fazem o mal, porque nelas existe o mal.

A questão seria persuadir ou compelir as pessoas a deixarem de ser más, a persuadi-las ou compeli-las a serem boas. Em última análise, a orientação seria de desencorajar as tendências para a maldade e estimular as tendências para a bondade ou para a virtude.

Essa teoria tem fortes atrativos para a pessoa investida de autoridade, como pai, professor, empregador, policial, diretor de presídio, funcionário público etc. .

A menos que um indivíduo seja excepcionalmente maduro, sua primeira e pronta reação a qualquer conduta ofensiva que lhe acarrete trabalho extra, ou que o faça parecer tolo, é pensar em têrmos de seus efeitos sôbre si próprio, e chamar de mau o ofensor.

Todavia, o psicólogo e o psiquiatra não vêem o ofensor como má pessoa. Tendem a vê-lo, antes, como alguém de algum modo desintegrado em relação à vida. Tal caso é se-

melhante ao da criança em sua zanga ou frustração, demonstrando que o indivíduo de má conduta não apresenta uma líquida propensão para o mal, senão uma mentalidade circunscrita e confusa.

A segunda teoria tradicional é a do *conhecimento-ignorância*. É mais apoiada pelo espírito liberal do que a teoria *bondade-maldade*.

O conhecimento seria virtude, e a tarefa ideal consistiria em fazer com que todos conhecessem a verdade sobre as pessoas e coisas. Como no caso da teoria *bondade-maldade*, esse ponto de vista tem apoio de generalizada convicção popular. O esforço devotado dos pesquisadores dessa teoria tem sido na orientação de desenvolver o conhecimento.

No entanto, quando consideramos as curiosas perversões encontradas entre muitos adultos "educados", tais como auto-absorções, mesquinhas, receios, egoísmos, dogmatismos, pedantarias, além dos casos de desvios mais acentuados na conduta de psicopatas (necessitados de valorização, abúlicos, astênicos, inseguros, lábeis de humor, depressivos, hipertímicos, explosivos, fanáticos, frios de ânimo), somos inclinados a conjecturar se a dissipação da ignorância não seria início da sabedoria, e não sua consecução.

O psicólogo e o psiquiatra discutem a versão *conhecimento-ignorância* da conduta, da mesma forma que a versão *bondade-maldade*. Isso não quer dizer que sustentem ser imponderável o conhecimento dos fatos. Pelo contrário, o elo do conhecimento com a vida é uma das ligações básicas desenvolvidas no processo de maturação. Eles estão certos de que o conhecimento por si só não é bastante para redimir a vida da perplexidade e da tolice. Só atua em constelação com outros poderes. A função do conhecimento não é apenas a de auxiliar o indivíduo a solucionar um problema específico. É antes a de ajudá-lo a conquistar uma auto-confiança cada vez maior, através da experiência de solucionar corretamente os problemas, uma auto-confiança que o liberte da necessidade de recorrer a métodos e processos imaturos e disfarçados de provar sua própria significação.

Do que foi dito anteriormente, depreendemos que nem a teoria *bondade-maldade*, nem a do *conhecimento-ignorância* são adequadas. Devemos situar em lugar das mesmas, a teoria *maturidade-imaturidade*.

Cabe-nos ver os desvios da conduta humana como meios imaturos de resolver problemas que deveriam ser solucionados por meios maduros.

Consideradas as relatividades daquilo que entendemos como novo ou original, podemos dizer que esta nova orientação — a teoria da *maturidade-imaturidade* — já vem fazendo parte do pensamento contemporâneo em muitos países, concernente com o pensamento de BAILEY, BRACELAND e CHAPMAN, entre tantos outros. Até a imprensa leiga traz relatos de programas, como de *ajustamento, clínica de orientação, reeducação dos pais, problemas de higiene mental, profilaxia dos distúrbios de conduta* etc..

Nenhum dos programas anteriormente referidos se enquadra na teoria *bondade-maldade*, pois, nêles não é admitido o ser humano como pessoa má, que deva ser induzida à bondade pela pregação ou pelo castigo. Também não propõem uma posição exclusiva para a instrução, deixando de aceitar, portanto, a teoria *conhecimento-ignorância*. Pelo contrário, prevalece nêles o critério de que os indivíduos se deixam colhêr de um modo ou de outro pelos azares da existência, e têm de ser variadamente auxiliados a encontrar a saída. Presumimos que tais indivíduos estejam em dificuldades porque, de algum modo, perderam o entrosamento com a vida. Assim, essas pessoas necessitariam, não de pregação ou de simples fatos, mas de uma nova orientação de caráter, em relação às suas concepções.

Os objetivos contemporâneos nesse sentido visam, portanto, à educação do caráter e da personalidade.

As teorias sôbre a má conduta humana têm características próprias.

Assim, a teoria *bondade-maldade* emprega métodos de pregação, exortação, recompensa e castigo; a teoria *conhe-*

cimento-ignorância utiliza os da instrução; e a teoria *matu-ridade-imaturidade* visa a auxiliar os indivíduos a ver sua vida como um todo uno e indivisível, a reconhecer nela os pontos-problema e a fazer algo de objetivo em relação aos mesmos, para prosseguir na vida com confiança criadora, em vez de fugir dela com receio e hostilidade.

A última palavra em matéria de normalidade é dada pela organização da estrutura do caráter. O indivíduo adulto normal exhibe uma personalidade que se caracteriza por harmonia entre os diferentes planos da organização pessoal. Nessas condições, suas atividades são espontâneas e naturais. Sua conduta explícita condiz com as realidades emocionais profundas. Dizemos ainda que o indivíduo emocionalmente adulto dá à sua vida sentido produtivo, e é capaz de usar tôdas as suas capacidades e desenvolver as potencialidades que lhe são inerentes. Esse processo implica em consciência relativamente exata de suas realidades, de suas necessidades, de suas possibilidades e limitações.

Acrescentaremos que a personalidade sadia é capaz de manter relação natural e espontânea com o mundo, sem receios injustificados, sem agressões desnecessárias. É capaz de amar, e portanto de fazer-se amada, numa base de ternura, responsabilidade, respeito e conhecimento recíproco.

E dentro da dureza relativa das realidades do mundo atual, fruto da neurose da maioria, como escreve IRACI DOYLE, o indivíduo normal consegue afirmar-se, e realizar construtivamente seu destino humano.

À medida que nos familiarizamos com o conceito de maturidade, defrontamo-nos com uma velha perplexidade. A vida saudável, ora descrita pelos psicólogos e psiquiatras, tem grande semelhança com a vida saudável de há muito descrita pelos maiores homens de penetração psicológica. O vocabulário é novo. Os materiais clínicos e de observação são novos. As explicações sobre os desvios da conduta humana são novas, sob muitos aspectos. Todavia, o tipo de relações com a vida recomendado pelos modernos é surpreendentemente familiar, por já ter sido recomendado antes.

Tôdas as verdades necessárias já foram ditas. *Nihil novum...* O que há de novo é, quando muito, o modo de dizer, a roupagem.

* * *

Alguns autores antigos procuravam relacionar as reações anti-sociais dos menores com uma deficiência mental. ASCHAFFENBURG, por exemplo, atribuía aos portadores de ações anti-sociais um grau de inteligência muito inferior ao dos outros indivíduos de mesma idade cronológica.

O PROFESSOR ALMEIDA JÚNIOR também entende que “parece evidente que o grau de inteligência influi sôbre a natureza do crime”, embora as modernas técnicas psicológicas, cada vez mais precisas, estejam encontrando diferenças sempre menores entre a inteligência dos criminosos e a dos não criminosos.

Por outro lado, novos estudos vêm demonstrando que os testes que nos fornecem a idade mental, para conseqüente cálculo do quociente intelectual, não medem a *inteligência natural*, mas sim uma *inteligência civilizada*.

Concernente lembra o PROFESSOR PIERRE WEIL, a determinação de Q. I. revelou-se, aos poucos, insuficiente, pois, não permite situar qualquer pessoa em relação aos indivíduos de sua própria idade. Por isso, outros testes vêm sendo construídos, utilizando a média aritmética ou outros índices, como pontos de referência. Nestes testes, existem baremas que permitem transformar os resultados brutos em índices da situação da pessoa em relação à média de seu grupo.

Creemos que as relações antigas, estabelecidas entre as reações anti-sociais dos menores e a deficiência mental, talvez decorram do fato de tais verificações terem sido obtidas apenas em relação à *inteligência civilizada*.

Essa assertiva está alicerçada em importantes observações feitas pela PROFESSORA HÉLÈNE ANTIPOFF, em Petersburgo e em Viatka, de menores desajustados, tanto

pertencentes à plebe quanto à aristocracia de então. Informa a ilustre autora, que, dentre êles havia certo número de anormais, física e psiquicamente, mas, a grande massa apresentava-se de aspecto normal, extremamente experta, revelando prodígios e engenhosidade para lutar contra as dificuldades que a vida lhe apresentava, e para assegurar a própria conservação.

A respeito de menores que praticaram ações anti-sociais, MME. ANTIPOFF assim se refere às suas observações em Petersburgo e Viatka: "Quantas vêzes, no próprio estabelecimento de onde as crianças fugiam, preferindo antes de tudo a liberdade e a vida de aventuras, a que se afeiçoavam, nos surpreendemos com os planos estratégicos complicadíssimos, inteligentíssimos, diremos nós, cheios de previsão, que só o pensamento sabe ditar, para escaparem à vigilância dos guardas, para distribuírem as funções de um bando inteiro de garotos, no intuito de assaltarem de noite um guarda-roupa, uma adega, para daí pilharem à vontade e fugirem com a prêsa, descendo do terceiro andar de um edifício para a cidade.

Pois bem, aquelas crianças não davam, nos nossos testes, senão resultados inferiores, revelando uma mentalidade inteiramente infantil, resolvendo raramente as provas de 10 e 12 anos. O que lhes faltava, sobretudo, era a capacidade de manterem, de uma parte, a atenção voluntária e, de outra, chegarem a uma certa abstração do pensamento conceptual. Enquanto estavam no domínio puramente concreto, enquanto eram movidas pelo instinto, pelo interêsse e pela atenção espontânea, podiam estar certas de triunfar; mas, daí por diante, notavam-se verdadeiras lacunas. Como dissemos, essa deficiência se traduzia, em média, por dois ou três anos de retardamento, em relação às crianças de sua idade que viviam nas condições ordinárias.

À margem da família, da escola e da sociedade com suas leis e suas regras, essas crianças se formavam, em uma palavra, à margem da vida civilizada. Não sendo destituídas de *inteligência natural*, não possuíam precisamente essa inteligência que se tritura ao contacto do exemplo no seio do regime regrado e das exigências impostas pela vida conven-

cional da família ou da escola, essa *inteligência civilizada*, que prescrutamos por meio dos nossos testes chamados de *inteligência geral*".

* * *

No dizer de KATE FRIEDLANDER, a concepção legal da delinqüência não coincide sempre com a concepção psicopatológica.

Uma pessoa que comparece à Justiça, acusada de ter matado alguém com seu automóvel, em virtude de uma manobra arriscada, não é necessariamente um delinqüente, embora tenha cometido um crime. Um menino de 8 anos de idade, que furta um pão a fim de satisfazer à fome, poderá não ser considerado um anti-social (BOUZAT).

BURT acompanhou o caso de um menino que, durante um mês, havia furtado alimentos junto com seu irmão menor. Ambos estavam insuficientemente alimentados. Levados para um ambiente onde tiveram alimentação, não furtaram mais, nem cometeram outros atos anti-sociais, durante 10 anos de observação. Ainda que êsses menores tivessem incorrido em atos contrários à lei, poderiam êles serem chamados de infratores?

Do ponto de vista psicopatológico, falamos de conduta delituosa em todos os casos nos quais a atitude do transgressor frente à sociedade é tal que eventualmente conduzirá à violação da lei. Pensamos poder incluir como menor anti-social, impròpriamente chamado *delinqüente*, êstes casos, embora não tenham comparecido à Justiça, bem como excluir os casos semelhantes àqueles estudados por BURT.

As primeiras fases do evolver da personalidade são muito importantes na gênese do caráter anti-social, porque aí, mais acentuadamente, verificamos que a necessidade instintiva requer satisfação através da agressividade e disputa. Uma regressão parcial neste período evolutivo, ou sua formação nêle, poderá responder pela futura agressividade criminal, como lembra SILVA Fº.

Depois da idade de 3 ou 4 anos, normalmente, começa a haver a adaptação da criança à realidade, o que implica

em capacidade de suportar certa quantidade de desprazer, principalmente em nossa cultura, altamente competitiva.

Por mecanismo de identificação, geralmente com os pais e substitutos, forma-se a *consciência moral*. O indivíduo passa a tomar contacto com a realidade, o que se traduz, na personalidade normal, por desejo consciente de fazer o que deve. Portanto, surgem os sentimentos de culpa, mais ou menos severos, naturais, se em lugar de respeitar a realidade que se impõe como dever, a criança satisfaz seus desejos instintivos proibidos. Inicia-se a formação do código de ética individual que a conduzirá na vida.

Pela identificação, as relações humanas da personalidade se dessexualizam, entrando o indivíduo no período chamado de socialização, correspondendo ao ingresso nas escolas e ao início do aprendizado. Em caso normal, aqui, as necessidades instintivas já estão modificadas, o *Ego* está fortalecido e verifica-se a existência de códigos próprios da ética.

Todavia, em casos de não solução dessas condições, dar-se-á a formação do *caráter anti-social* no qual foi encontrada a dita *criminalidade latente*, não implicando em dizer que toda criança vá fatalmente ser *delinqüente*, se chegar ao período de latência (ou socialização) com essa formação caracterológica. Tão somente significa que tais características são predisponentes à criminalidade.

Fatôres outros, constitucionais e mesológicos, continuarão a agir daí em diante. Professôres, companheiros, chefes de serviço e demais relações que se estabeleçam, sempre exercerão influências modificadoras, úteis ou inúteis, conforme transformem ou consolidem a estrutura defeituosa anterior. Assim, na psicogênese do crime, podemos distinguir fatôres básicos, primários, que constituirão a *criminalidade latente* e *fatôres desencadeantes*, secundários, posteriores, capazes de transformar a criminalidade latente em manifesta.

Os fatôres básicos, determinantes do caráter anti-social dependem das primeiras relações do indivíduo na constelação familiar e também das demais relações emocionais decorrentes da evolução da personalidade nesse período de vida. Algumas condições ambientais, como a pobreza, a desocupação e as

vicissitudes de toda ordem exercem grande influência na formao do indivíduo, mas essa influência é mais indireta, fazendo-se notada pelo prejuízo sôbre o clima emocional do lar.

As personalidades perturbadas da mãe e do pai so muito mais prejudiciais à formao do caráter da criança do que as dificuldades naturais. De outro lado, uma boa relao com os pais, e entre êles, pode perfeitamente equilibrar algumas dessas deficiências.

Uma das características principais da personalidade anti-social é o egoísmo. este é resultante da barreira evolutiva que não permitiu a transio natural da fase orientada pelo prazer, para a fase da realidade.

Outro aspecto característico do caráter anti-social é a urgência de satisfao dos desejos instintivo-emocionais.

Enfim, para entendermos a mecânica ótima que, em dado momento traduz-se na atividade anti-social, necessitamos estudar o indivíduo que pratica tais aoes, desde suas etapas infantis, verificar o fator constitucional e a experiência adquirida, graças à qual sua personalidade tomou forma, contrno e características, até chegar àquele dado momento, como lembra ABRAHAMSEN.

Adquirido o amadurecimento psíquico, o indivíduo se torna adulto e cada vez menos se ressentido do impacto emocional dos acontecimentos exteriores. Os acontecimentos que se seguem tero menor probabilidade de repercutir demasiadamente sôbre a personalidade humana, salvo quando o indivíduo, em conseqencia de fatôres hereditários e ambientais se mantiver um tipo infantil, imaturo ou mórbido.

* * *

Das consideraoes anteriores, depreendemos a razão dos justificados estudos que se vêm realizando em nosso meio, conforme nos referimos de início, ao relacionar alguns dos principais trabalhos a respeito.

De fato, as aoes anti-sociais de menores devem ser estudadas em suas causas e manifestaoes, mediante verificaoes individualizadas, bem como nos meios de seu tratamento e de sua profilaxia.